

CARTOGRAFIA DO PERTENCIMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS DE GUARDAS-PARQUES NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA SELADA (RJ)

Ana Cristina Figueira de Almeida de Souza Ramos¹

Nadja Maria Castilho da Costa²

Resumo: Este artigo, baseado em pesquisa doutoral, analisa como guardas-parques do Parque Estadual da Pedra Selada (RJ) constroem vínculos afetivos e territoriais com a Unidade de Conservação. Inspirado na virada humanista da Geografia, o estudo valoriza experiências subjetivas e significados atribuídos ao espaço. A metodologia envolveu pesquisa-ação, rodas de conversa, oficinas multissensoriais e cartografia afetiva participativa, processadas no *Atlas.ti*. Os resultados apontam cinco eixos centrais: territórios afetivos e simbólicos; memórias de infância; práticas multissensoriais de Educação Ambiental; tensões entre saberes locais e reconhecimento institucional; e coautoria. A principal contribuição prática foi a criação de um percurso afetivo cocriado com os guardas-parques. O estudo demonstra que suas experiências são fundamentais para fortalecer a Educação Ambiental crítica e a gestão participativa. Conclui-se que a valorização desses sujeitos, ancorada em perspectivas decoloniais, amplia a justiça socioambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Cartografia Afetiva; Pertencimento; Guardas-Parques; Gestão Participativa.

Abstract: This article, derived from doctoral research, examines how park rangers at Pedra Selada State Park (RJ) build affective and territorial bonds with the Conservation Unit. Inspired by the humanist turn in Geography, the study emphasizes subjective experiences and the meanings attributed to space. Methodology included action research, discussion circles, multisensory workshops, and participatory affective cartography, analyzed with *Atlas.ti*. Results highlight five main themes: affective and symbolic territories; childhood memories; multisensory Environmental Education practices; tensions between local knowledge and institutional recognition; and co-authorship. A key practical outcome was the creation of an affective itinerary co-designed with the rangers. Findings show that their experiences are essential to strengthening critical Environmental Education and participatory management. The study concludes that valuing these actors, grounded in decolonial theories, contributes to more just and sustainable protected areas.

Keywords: Environmental Education; Affective Cartography; Belonging; Park Rangers; Participatory Management.

Introdução

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: ecotransmutacao@gmail.com. Link para o Lattes: lattes.cnpq.br/7694186276966324.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: nadjacastilho@gmail.com. Link para o Lattes: lattes.cnpq.br/8646672305430213.

A crise socioambiental contemporânea revela múltiplas dimensões de vulnerabilidade, nas quais degradação ecológica, injustiças sociais e epistemológicas se entrelaçam. Nesse cenário, pensar a Educação Ambiental para além da transmissão de conteúdos ecológicos torna-se imperativo. É necessário reconhecê-la como prática política, sensível e transformadora, capaz de integrar experiências vividas, saberes locais e conhecimentos acadêmicos. O Parque Estadual da Pedra Selada (PEPS), lócus desta investigação, mostra-se um espaço privilegiado para refletir sobre essas articulações, dado seu histórico de tensões e a atuação dos guardas-parques como sujeitos centrais na mediação entre conservação e vida cotidiana.

A pesquisa que deu origem a este artigo – desdobramento de uma tese de doutorado – buscou compreender como guardas-parques constroem vínculos de pertencimento e como tais vínculos podem ser mobilizados em práticas pedagógicas e de gestão. Partimos da hipótese de que a conservação ambiental não pode ser efetiva sem reconhecer a dimensão afetiva, relacional e política das experiências cotidianas dos trabalhadores ambientais. A escuta de suas trajetórias permitiu construir cartografias do pertencimento que revelam territórios simbólicos, memórias e afetos que atravessam o exercício profissional.

Além do enfoque empírico, a investigação articula-se com referenciais teóricos que reposicionam a relação entre ambiente e lugar. A virada humanista na Geografia (Tuan, 1974; Relph, 1976) deslocou a compreensão de espaço para uma perspectiva fenomenológica, onde a experiência vivida e os vínculos afetivos se tornaram centrais. Nesse horizonte, o pertencimento emerge como categoria fundamental para compreender como sujeitos, como os guardas-parques, se enraízam e dão sentido ao território.

Do ponto de vista metodológico, adotou-se uma abordagem participativa e multissensorial, fundamentada na cartografia afetiva (Deleuze e Guattari, 1995; Porto-Gonçalves, 2020) e na ecologia de saberes (Santos, 2007). Oficinas, rodas de conversa e percursos coletivos possibilitaram mapear afetos, narrativas e práticas, constituindo um processo de coautoria. Essa escolha buscou romper com hierarquias de conhecimento, valorizando a experiência incorporada dos sujeitos e sua capacidade de produzir interpretações legítimas sobre o território.

Ao expandir a discussão para além do caso específico do PEPS, este estudo contribui para o debate da Educação Ambiental crítica e decolonial, destacando que a gestão de Unidades de Conservação só será efetiva se for dialógica, situada e plural. As cartografias do pertencimento elaboradas pelos guardas-parques revelam caminhos para práticas pedagógicas que aliam conservação, memória e cuidado, apontando para modelos de sustentabilidade mais justos e integradores.

Nesse sentido, reafirma-se a importância de compreender a Educação Ambiental não apenas como um campo de reflexão acadêmica, mas como prática viva que se alimenta de relações concretas entre sujeitos, territórios e

histórias. Ao reconhecer o papel dos guardas-parques como educadores ambientais em sua atuação cotidiana, abre-se a possibilidade de fortalecer políticas públicas que valorizem suas vozes, suas experiências e seus modos de habitar o mundo, tornando a gestão ambiental mais inclusiva e sensível às realidades locais.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica parte da “virada humanista” na Geografia, que colocou no centro do debate a experiência subjetiva e o espaço vivido. Yi-Fu Tuan (1974) introduziu o conceito de topofilia, ressaltando os vínculos afetivos entre pessoas e ambientes, enquanto Edward Relph (1976) diferenciou espaço e lugar, sendo este último constituído pela experiência e identidade. Esses referenciais permitem analisar como guardas-parques atribuem sentidos ao território do PEPS, revelando que sua atuação ultrapassa dimensões técnicas, inscrevendo-se em um campo de cuidado e pertencimento.

Autores contemporâneos, como Casey (1997), reforçam essa perspectiva ao compreender o lugar como campo ético de responsabilidade e memória. No contexto brasileiro, Milton Santos (1978) e Castilho (2017) ampliam esse debate ao relacionar as práticas de mediação socioterritorial e de cuidado ambiental à construção de espaços significados. Assim, o lugar não é apenas cenário de atuação, mas território vivo de relações e disputas, onde se articulam dimensões políticas, afetivas e ecológicas.

Outro eixo teórico fundamental é a Educação Ambiental crítica, inspirada em Paulo Freire (1983) e atualizada por Sauvé (2020). Essa perspectiva propõe superar práticas transmissivas e promover metodologias dialógicas, participativas e transformadoras. Ao valorizar a experiência multissensorial e a coautoria, a Educação Ambiental crítica se mostra potente para integrar saberes locais e acadêmicos, além de questionar modelos conservacionistas hegemônicos que marginalizam trabalhadores ambientais.

A cartografia afetiva (Deleuze & Guattari, 1995; Escobar, 2008) emerge como ferramenta metodológica e teórica relevante, pois possibilita dar visibilidade a dimensões invisibilizadas da paisagem, como memórias, emoções e vínculos. Essa prática não se limita a mapear o espaço físico, mas registra afetos e relações que configuram territórios simbólicos. No caso do PEPS, a cartografia afetiva permitiu compreender como guardas-parques ressignificam trilhas, árvores e nascentes como pontos de memória e resistência.

Complementarmente, a ecologia de saberes (Santos, 2007) e a ontologia relacional (Latour, 2005; Escobar, 2008) oferecem lentes para analisar as tensões entre conhecimento técnico e saber local. Essas abordagens concebem as Unidades de Conservação como territórios pluriversos, onde múltiplas ontologias coexistem. Essa perspectiva rompe com

visões hierárquicas e coloniais de conhecimento, legitimando a participação de guardas-parques como produtores de sentidos e práticas de gestão.

Nessa mesma direção, Vieira (2020) destaca que uma Educação Ambiental decolonial deve se alicerçar em experiências comunitárias, afetivas e plurais, rompendo com pedagogias normativas e reconhecendo as potências dos sujeitos na produção de saberes. O autor argumenta que a lógica do pertencimento e da afetividade precisa ser entendida como elemento político para construir práticas socioambientais mais justas. Sua contribuição amplia a fundamentação aqui apresentada, ao reforçar que a valorização das experiências dos guardas-parques não apenas ressignifica o espaço vivido, mas também insere a Educação Ambiental em um movimento de transformação social mais amplo.

Por fim, ao articular esses referenciais, a fundamentação teórica sustenta a ideia de que práticas de interpretação e sensibilização ambiental não são apenas estratégias educativas, mas processos que integram cognição, emoção e ação. A literatura em psicologia ambiental (Kaplan & Kaplan, 1989; Clayton, 2020) mostra que experiências significativas em ambientes naturais podem transformar atitudes e comportamentos, reforçando a importância de abordagens multissensoriais e afetivas. Assim, compreender o pertencimento dos guardas-parques não é apenas tarefa analítica, mas condição para promover modelos de conservação mais inclusivos e eficazes.

Metodologia

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2021 e 2024, no Parque Estadual da Pedra Selada (PEPS), uma Unidade de Conservação localizada na Serra da Mantiqueira, entre os municípios de Resende e Itatiaia (RJ), conforme a Figura 1 (próxima página).

O estudo envolveu diretamente os guardas-parques (GPs) vinculados ao Instituto Estadual do Ambiente (INEA), protagonistas das atividades de monitoramento, manejo e educação ambiental no território. Partiu-se da compreensão de que esses profissionais, por estarem em contato cotidiano com a UC, desenvolvem percepções, saberes e práticas que vão além da dimensão técnica de suas funções, constituindo-se em elementos-chave para pensar a Educação Ambiental e a gestão participativa.

O desenho metodológico adotado foi a pesquisa-ação (Thiollent, 2011), por possibilitar a articulação entre produção de conhecimento e transformação da realidade. Esse caminho foi escolhido porque permitiu aos guardas-parques não apenas relatarem suas experiências, mas também atuarem como coautores na construção e validação dos resultados. A pesquisa-ação, nesse sentido, rompeu com o modelo tradicional de investigação, deslocando o foco do pesquisador para a construção coletiva de saberes, alinhada às perspectivas da ecologia de saberes (Santos, 2007).

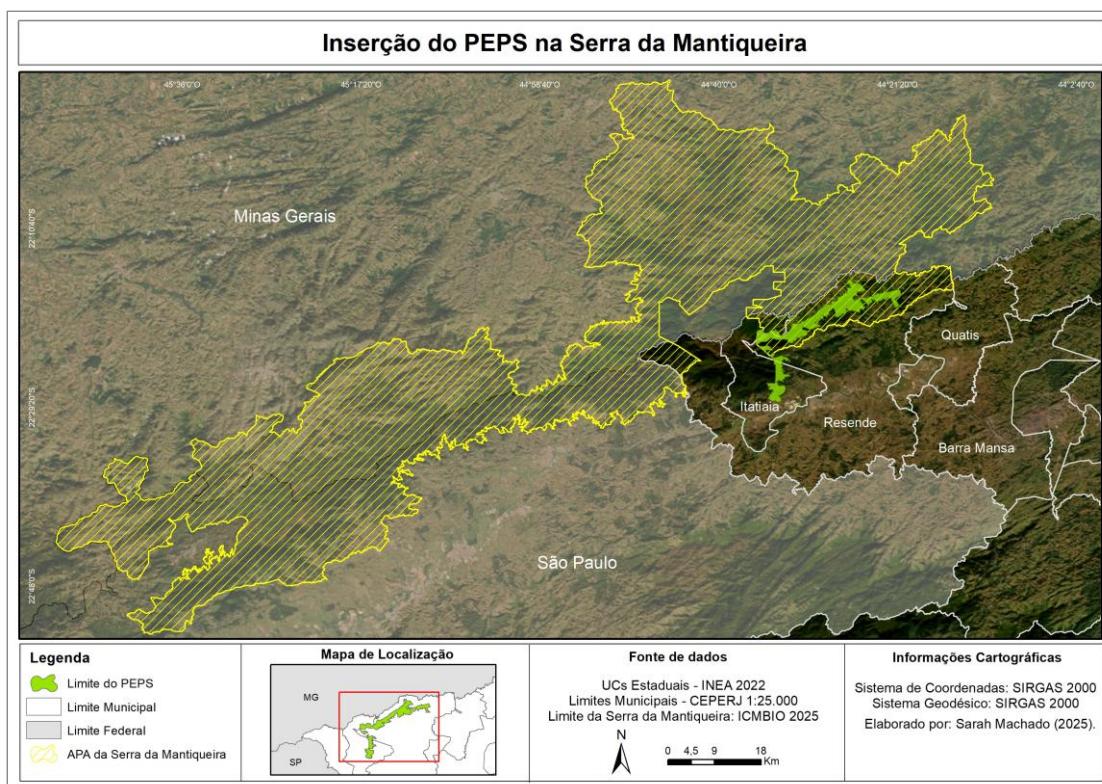


Figura 1: Inserção do PEPS na Serra da Mantiqueira.

Fonte: As Autoras (2022).

As rodas de conversa foram o primeiro instrumento metodológico empregado. Inspiradas nos princípios freireanos de diálogo horizontal (Freire, 1983), possibilitaram um espaço de troca de narrativas e reflexões sobre o cotidiano de trabalho e as memórias de vida relacionadas ao território. Nesses encontros, os GPs compartilharam não apenas aspectos técnicos de sua atuação, mas também sentimentos, afetos e desafios enfrentados na gestão da UC, permitindo identificar as primeiras categorias de análise que seriam aprofundadas nas etapas seguintes.

As oficinas multissensoriais constituíram a segunda etapa metodológica. Realizadas em diferentes pontos do PEPS, essas atividades exploraram estímulos visuais, olfativos, sonoros e táteis. O objetivo foi compreender como os GPs percebem e significam o ambiente a partir de seus sentidos corporais, captando dimensões subjetivas da experiência ambiental. A abordagem foi fundamentada nos estudos da psicologia ambiental (Kaplan & Kaplan, 1989) e da antropologia dos sentidos (Howes, 2014), confirmando que a percepção do lugar envolve muito mais do que informações racionais: ela é também afetiva, sensorial e simbólica.

A etapa central da investigação consistiu na cartografia afetiva participativa, inspirada em Deleuze e Guattari (1995) e desenvolvida no campo Revbea, São Paulo, V. 20, N° 7: 46-56, 2025.

da geografia crítica brasileira (Porto-Gonçalves, 2020). Em encontros coletivos, os guardas-parques elaboraram mapas nos quais representaram locais de memória, territórios de conflito, zonas de maior afetividade e percursos simbólicos. Esses mapas se tornaram ferramentas pedagógicas e políticas, permitindo tornar visível o que geralmente é invisibilizado pelas cartografias oficiais: os vínculos emocionais e relacionais dos sujeitos com o território.

Para garantir robustez analítica, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os guardas-parques, conforme a Figura 2, aprofundando aspectos que emergiram nas rodas de conversa e oficinas.



Figura 2: Entrevistas com os Guardas Parque.
Fonte: Acervo das Autoras (2023).

As entrevistas privilegiaram relatos biográficos e práticas cotidianas, destacando a relação entre memórias da infância, experiências de vida e o trabalho desempenhado no PEPS. O registro das falas foi tratado como narrativa legítima e coautoral, assegurando que os GPs fossem reconhecidos como produtores de conhecimento.

Por fim, todos os dados coletados foram sistematizados e analisados com apoio do software *Atlas.ti*, que permitiu organizar categorias, identificar recorrências e triangular informações oriundas de diferentes fontes: narrativas, mapas afetivos e observações de campo (Flick, 2009). A análise possibilitou a construção de cinco eixos temáticos, diretamente conectados aos objetivos específicos da pesquisa: (i) territórios afetivos e simbólicos; (ii) memórias de infância e reconexões afetivas; (iii) práticas multissensoriais de Educação Ambiental; (iv) tensões entre saberes locais e reconhecimento institucional; (v) coautoria e construção do percurso afetivo.

Resultados e Discussão

Os resultados evidenciam que os guardas-parques não são apenas executores de políticas ambientais, mas construtores de territorialidades complexas. O primeiro eixo identificado refere-se às cartografias do pertencimento, onde os GPs apontaram árvores centenárias, nascentes e trilhas como lugares de forte carga simbólica. Esses pontos, representados nos mapas afetivos, foram descritos como “lugares de memória”, confirmando a relevância da noção de topofilia (Tuan, 1974) e do “espaço vivido” (Relph, 1976). A cartografia afetiva, nesse contexto, mostrou-se um recurso metodológico potente para revelar dimensões invisíveis da paisagem, fundamentais para práticas de Educação Ambiental contextualizada.

O segundo eixo destacou a memória afetiva e a reconexão com a infância. Muitos GPs relataram experiências vinculadas ao tropeirismo, ao uso de plantas medicinais e ao convívio com comunidades locais, revelando como essas vivências se entrelaçam ao trabalho atual. Esse repertório de memórias não apenas fortalece o senso de pertencimento, mas também funciona como dispositivo pedagógico na relação com visitantes, ao transmitir narrativas que valorizam saberes locais. Esse achado confirma a crítica de Diegues (2000) ao modelo de conservação “fortaleza”, que historicamente excluiu populações tradicionais e seus conhecimentos.

O terceiro eixo apontou para a relevância da Educação Ambiental multissensorial. As oficinas mostraram que estímulos sonoros (como o canto dos pássaros), olfativos (o cheiro de plantas medicinais) e táteis (o contato com o solo) são centrais para a formação de vínculos com o território. Essa constatação dialoga com autores como Sauvé (2020) e Howes (2014), que defendem uma abordagem sensível e multissensorial da Educação Ambiental, capaz de gerar transformações cognitivas e afetivas mais duradouras.

O quarto eixo revelou tensões entre saberes locais e reconhecimento institucional. Os GPs relataram que práticas baseadas em conhecimentos tradicionais, como o manejo de trilhas ou a leitura de sinais da floresta, muitas vezes não são legitimadas pelo INEA. Essa situação confirma a crítica de Escobar (2008) sobre o caráter eurocêntrico da conservação e reforça a necessidade de valorizar epistemologias plurais, como propõe Santos (2007) com a ideia de ecologia de saberes. Ao mesmo tempo, a experiência da pesquisa mostrou que a inclusão dos guardas-parques como coautores favorece maior engajamento e reconhecimento interno.

O quinto eixo relaciona-se à coautoria e produção coletiva de sentido. O processo de construção e validação das cartografias afetivas possibilitou aos GPs ressignificar suas práticas e fortalecer o sentimento de pertencimento institucional. Esse resultado dialoga com Castilho (2017), ao destacar a importância da mediação socioterritorial na gestão ambiental. A coautoria também se revelou uma prática pedagógica, ao estimular a reflexão crítica sobre o próprio trabalho e sua relevância para a conservação.

O percurso afetivo, resultado prático da pesquisa, sintetiza os aprendizados e as experiências compartilhadas. Validado coletivamente, esse percurso integra aspectos ecológicos (biodiversidade do PEPS), culturais (memórias e tradições locais) e políticos (reivindicações por reconhecimento e valorização profissional). Sua elaboração representa uma contribuição metodológica e pedagógica inovadora para a Educação Ambiental, capaz de inspirar novas práticas em outras Unidades de Conservação brasileiras, conforme a Figura 3.

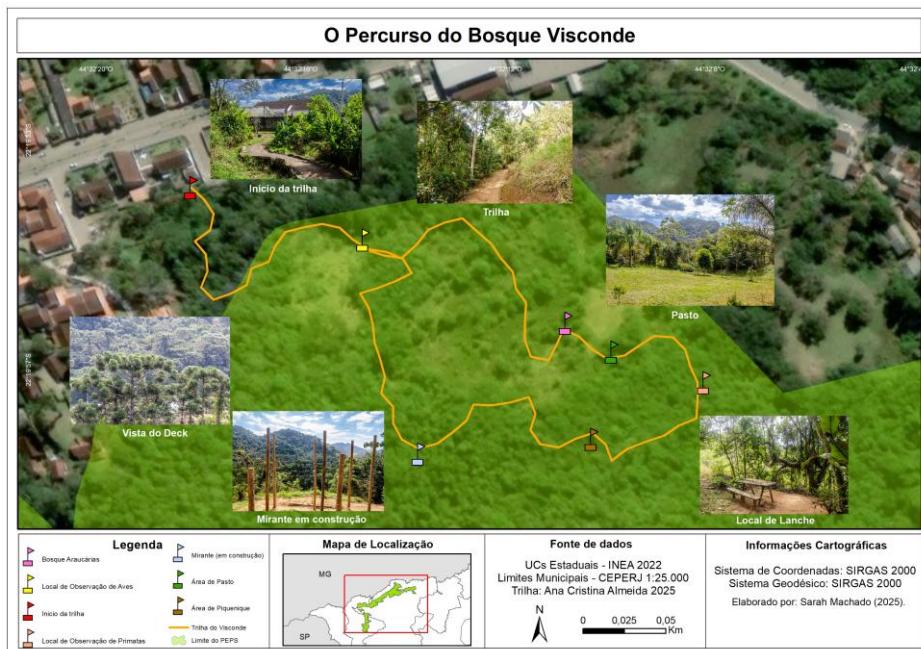


Figura 3: Percurso Afetivo.
Fonte: A Autora (2024).

Além disso, os resultados apontam que a valorização dos vínculos afetivos tem potencial para mitigar conflitos socioambientais. Ao reconhecer que a conservação é também uma prática de cuidado e memória, o estudo contribui para repensar modelos de gestão que historicamente marginalizaram os trabalhadores ambientais. Essa abordagem relacional reforça que a sustentabilidade depende da integração entre ciência, técnica e saberes locais.

Do ponto de vista teórico, os achados dialogam com a ontologia relacional (Latour, 2012; Escobar, 2008), ao mostrar que o território não é apenas cenário de práticas humanas, mas rede híbrida composta por humanos e não humanos. O pertencimento, nesse sentido, é construído nas interações cotidianas entre pessoas, espécies, lugares e memórias. Essa perspectiva amplia o horizonte da Educação Ambiental crítica, incorporando dimensões decoloniais e pluriversas.

Por fim, ao destacar os guardas-parques como sujeitos centrais, a pesquisa reafirma a necessidade de construir Unidades de Conservação mais justas e sustentáveis, onde a conservação se fundamente não apenas em dados técnicos, mas também em relações de cuidado historicamente invisibilizadas.

Considerações Finais

A pesquisa desenvolvida com os guardas-parques do Parque Estadual da Pedra Selada revelou que a conservação ambiental é indissociável das experiências afetivas, simbólicas e memoriais que os sujeitos constroem em seu cotidiano de trabalho e de vida. Ao adotar uma abordagem participativa, ancorada na cartografia afetiva, nas rodas de conversa e nas oficinas multissensoriais, foi possível acessar dimensões subjetivas geralmente invisibilizadas pelas metodologias tradicionais de pesquisa e de gestão ambiental. Essa constatação reforça a importância de compreender a Educação Ambiental como prática dialógica e emancipatória (Freire, 1983; Sauvé, 2020), capaz de articular conhecimentos científicos e saberes locais.

Os resultados demonstraram que os vínculos afetivos estabelecidos com o território pelos guardas-parques constituem não apenas expressões individuais, mas também repertórios coletivos que alimentam a memória, a identidade e o pertencimento à Unidade de Conservação. Nesse sentido, a valorização das experiências dos GPs configura-se como elemento central para o fortalecimento de práticas de gestão participativa. A pesquisa contribui, portanto, para reposicionar esses profissionais como sujeitos de conhecimento, ampliando sua agência em processos decisórios e desafiando modelos de conservação de caráter eurocêntrico e tecnocrático (Escobar, 2008; Santos, 2007).

Do ponto de vista metodológico, a experiência da pesquisa-ação confirma a potência da coautoria como prática política e pedagógica. O percurso afetivo, principal produto coletivo do estudo, representa mais do que um recurso de sensibilização: trata-se de uma proposta de Educação Ambiental crítica que articula dimensões ecológicas, culturais e políticas, consolidando-se como ferramenta replicável em outras Unidades de Conservação. Além disso, o processo de elaboração desse percurso fortaleceu a autoestima e o reconhecimento profissional dos GPs, promovendo engajamento e maior integração institucional.

Em termos teóricos, a pesquisa dialoga com a geografia humanista e fenomenológica (Tuan, 1974; Relph, 1976), com a ecologia de saberes (Santos, 2007) e com a ontologia relacional (Latour, 2012; Escobar, 2008), reafirmando que o território é sempre relacional, construído em redes de afetos, memórias e práticas materiais. Essa articulação evidencia que a Educação Ambiental deve ser compreendida como espaço de negociação

epistemológica, em que múltiplos modos de conhecer e sentir a natureza coexistem e se complementam.

Por fim, ressalta-se que este artigo constitui um subproduto de uma tese de doutorado, o que lhe confere densidade empírica e consistência teórica. Mais do que registrar uma experiência acadêmica, o oferece subsídios para políticas públicas que busquem integrar dimensões afetivas e sociais à gestão de áreas protegidas. Ao reconhecer os guardas-parques como protagonistas da conservação, o trabalho aponta para a necessidade de consolidar modelos de gestão ambiental que sejam não apenas eficazes em termos ecológicos, mas também justos, inclusivos e sustentáveis em termos sociais.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. de. Unidades de conservação e populações tradicionais: os significados sociais das categorias de manejo. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 15, p. 119-128, 2007.
- CASEY, E. S. **The fate of place: A philosophical history**. Berkeley: University of California Press, 1997.
- CASTILHO, N. M. C. C. Mediação socioterritorial e cuidado ambiental em Unidades de Conservação. **Revista Geografia em Atos**, v. 4, n. 8, p. 43-60, 2017.
- CLAYTON, S. **Psychology and climate change: human perceptions, impacts, and responses**. London: Academic Press, 2020.
- CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. B. *Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- ESCOBAR, A. **Territories of difference: place, movements, life, redes**. Durham: Duke University Press, 2008.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOWES, D. The sensory studies manifesto. **The Senses and Society**, v. 9, n. 2, p. 133-150, 2014.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. Cartografia afetiva: mapas para revelar afetos e disputas territoriais. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 28, p. 17-35, 2020.
- RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
- SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, B. S. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SAUVÉ, L. **Educação Ambiental: possibilidades e limites**. São Paulo: Cortez, 2020.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980 [orig. 1974].
- VIEIRA, F. P. Educação Ambiental para além da pandemia: aprendizados decoloniais com outras comunidades e com outras pedagogias. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 6, p. 170-187, 2020.
- VIOLA, E.; LEIS, H. R. **A crise ambiental e as ciências sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K.; PEREIRA, D. B. (orgs.). **A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.